

UNIDADE 3

A LITERATURA JUVENIL

3.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar a literatura juvenil; dar a conhecer alguns fatos sobre o surgimento de alguns dos gêneros mais comuns para essa faixa etária, bem como apontar alguns dos autores da literatura juvenil no mundo e no Brasil.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

- a) diferenciar literatura juvenil da literatura infantil;
 - b) identificar os principais gêneros que podem ser utilizados com jovens.
-

3.3 O LIVRO JUVENIL

Embora atualmente seja considerado mais correto falar em literatura infantil e juvenil por serem, na verdade, literaturas distintas que servem a distintos públicos-alvo, em alguns momentos usaremos a expressão literatura infanto-juvenil, em função de algumas das obras que abordaremos terem sido assim rotuladas em tempo passado. *Cunha* (1998, p. 63), a respeito do livro juvenil, diz o seguinte:

Não existem regras expressas para definir o livro juvenil, mas o que se observa – em comparação com o infantil – é o predomínio de textos mais longos, com letras em corpo menor, poucas ilustrações, quase sempre em preto e branco, e o uso de papel mais fino e de pior qualidade. Com relação ao conteúdo, nos livros juvenis se encontra mais clara a divisão em gêneros (aventura, suspense, romance, mistério, ficção científica, etc.). Muitas vezes isso implica uma maior frequência do problema relativo à padronização e aos modismos.

Em consonância com *Cunha* (1998, p. 63), consideramos literatura juvenil aquela voltada ao público jovem, na faixa etária da pré-adolescência e início da adolescência. Embora o jovem, especialmente na fase mais tardia da adolescência, tenda a ler já obras da literatura para adultos, nessa fase intermediária, muitas vezes acaba se afastando da leitura por não encontrar obras que venham ao encontro de suas necessidades ou, como considera *Bamberger* (1986), principalmente seus interesses, que vão desencadear sua motivação. Ou, ainda, sua curiosidade bem estimulada.

Segundo *Bamberger* (1986, p. 31): “O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual.” Categorizamos aqui como literatura juvenil aquele conjunto de obras que potencialmente agradam ao público de idades entre 9 e aproximadamente 12 ou 13 anos e para a leitura das quais é necessária uma maior fluência de leitura. Faixa etária em que os pré-adolescentes, mas também adolescentes preferem, segundo *Bamberger* (1986, p. 34), respaldado por *Beinlich* (1961, p. 719), histórias de aventuras. Tanto aventuras de ação, em mundos reais ou imaginários, quanto aventuras sentimentais em que predominam as emoções amorosas. Obviamente, essas preferências se confirmarão ou não na prática, sempre dependendo do estágio de maturidade de cada jovem, já que essa fase em que acontece o desenvolvimento biológico e psicológico, mas também social, terá um ritmo diferente para cada indivíduo.

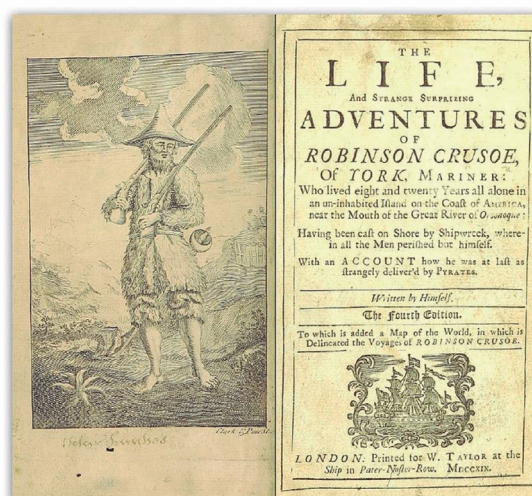
As obras dirigidas ao público jovem tiveram obviamente a mesma origem da literatura infantil, que acabamos de abordar. Dentre as obras mencionadas anteriormente, pode-se destacar algumas que são clássicos do gênero e que, embora um pouco relegadas ao segundo plano na atualidade, na versão original, ainda podem agradar aos jovens pré-adolescentes do século XXI. Destacaremos a seguir algumas delas.



3.4 AS HISTÓRIAS DE AVENTURAS DO SÉCULO XVIII

No século XVIII, chamado *Século das Luzes*, em plena vigência do Iluminismo, pode-se explicar o surgimento de um *Robinson Crusoe* que, apesar de teoricamente ter sido motivado por um acontecimento real, prova com as ações de seu personagem que o ser humano é capaz, com a sua razão, de dominar a natureza e de sobreviver, mesmo em condições extremamente adversas. As histórias de aventura da época focavam bastante em viagens, o que vinha contemplar as ambições expansionistas de alguns países europeus.

Figura 26 – A vida e as aventuras de Robinson Crusoe



Fonte: Wikipédia²⁹



Explicativo

Iluminismo – movimento cultural e filosófico europeu que surge na Inglaterra, com a Revolução Gloriosa inglesa (1688), de lá se difundindo para a França, onde se consolidou fortemente, persistindo até a Revolução Francesa (1789). Não teve na Alemanha, nem na Itália, o mesmo sucesso. Acredita no desenvolvimento da razão humana de maneira ilimitada, por influência das ideias dos filósofos empiristas, principalmente *John Locke* (1632-1704), e do racionalismo vigente no século XVII. O Racionalismo considera as ideias, a razão, como uma característica inata, o conhecimento dos

²⁹ WIKIPÉDIA. Defoe (1719). **Robinson Crusoe**. Disponível em: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Robinson_Crusoe#/media/File:Defoe_\(1719\)_Robinson_Crusoe.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/Robinson_Crusoe#/media/File:Defoe_(1719)_Robinson_Crusoe.jpg)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

princípios constitutivos do real como algo já presente, de modo predeterminado, na alma humana. Já para os empiristas, a razão constitui uma faculdade formada a partir da experiência.

Fonte: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Age_of_Enlightenment>. <<https://www.algosobre.com.br/historia/ilumismo-revolucao-cultural.html>>.

Daniel Defoe (1660-1731) foi, pois, com seu *Robinson Crusóé*, o marco inicial da literatura de ação e aventura que vem ao encontro do gosto emergente, nessa faixa etária, por histórias de aventuras em lugares exóticos, e que ainda atrai pré-adolescentes entre 10 e 12 ou 13 anos. Sua obra *Robinson Crusóé*, publicada na Inglaterra em 1719, como lembra *Carvalho (1987)*, criou um verdadeiro “ciclo robinsoniano”, gerando obras semelhantes em outros países, como França, Holanda, Hungria, Áustria, mas que não se equipararam em grandeza à de *Defoe*. Possivelmente pela mesma razão, também não se tornaram conhecidas internacionalmente. A história de *Robinson Crusóé* parece ter se inspirado em uma aventura real, famosa na época, de um marinheiro escocês, *Alexander Selkirk* (ou *Selcraig*), que foi abandonado, por própria vontade, na ilha de Juan Fernandez, no Pacífico, depois de uma discussão com o capitão do navio em que viajava. Lá viveu por quatro anos totalmente só. *Defoe* transformou esses quatro anos em 28, durante os quais “[...] ele reconstrói, simbolicamente, a longa caminhada do homem até a civilização.” (CARVALHO, 1987, p. 92).



Figura 27 – Daniel Defoe e Jonathan Swift

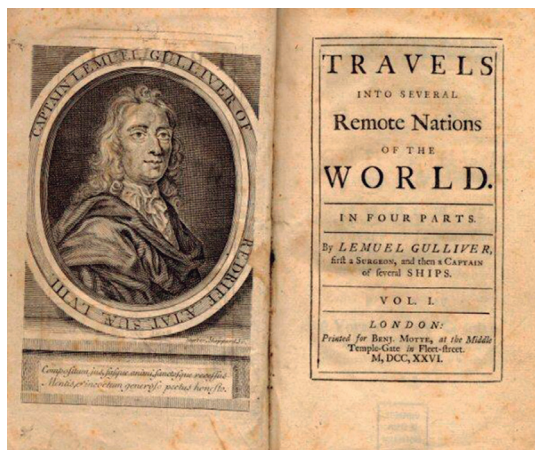


Fonte: Wikipédia³⁰

Alguns anos depois, em 1726, vem a lume, também na Inglaterra, a obra *As viagens de Gulliver* (*Gulliver's Travels*), de *Jonathan Swift*, irlandês de nascimento. Em 1735, *Swift* mudou seu título para *Travels into Several Remote Nations of the World. In Four Parts. By Lemuel Gulliver, First a Surgeon, and then a Captain of Several Ships* (*Viagens para várias nações remotas do mundo. Em quatro partes. Por Lemuel Gulliver, primeiro cirurgião, e depois capitão de vários navios*). Apesar dessa mudança proposta pelo próprio autor, a obra permaneceu conhecida apenas como *As viagens de Gulliver*.

³⁰ WIKIPÉDIA. Daniel Defoe. Disponível em: <<https://bit.ly/2DmBOnw>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
WIKIPÉDIA. Jonathan Swift. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Jonathan_Swift>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Figura 28 – Frontispício da edição de 1735 de *As viagens de Gulliver*



Fonte: Wikipédia³¹

A obra contempla quatro viagens de *Gulliver* a lugares fantásticos, alguns de nomes bastante difíceis de pronunciar. A primeira é a viagem a *Lilliput*, país dos anões. A segunda viagem tem como destino *Brobdingnag*, o país dos gigantes. A seguir, empreende a viagem a *Laputa*, habitada por homens de espírito, acadêmicos, matemáticos, etc., mas cuja sabedoria não tem aplicação prática na realidade. *Laputa* é uma ilha voadora, cuja ilustração que dela fez *J.J. Grandville*, em 1847, aos olhos de hoje se assemelha ao que acreditamos representar um disco voador. E a última é a viagem ao país dos *Houyhnhuns*, os cavalos civilizados (SWIFT, 1967).

Figura 29 – *Gulliver* descobre *Laputa*, a ilha voadora



Fonte: Wikimedia³²

A prosa de *Swift* é uma dupla sátira: à natureza humana e às histórias de viajantes. Mas também expressa simbolicamente sua revolta contra a corrupção da sociedade inglesa da época e sua absoluta descrença no ser humano. Embora *Swift* jamais tenha pensado em escrever para crianças, a primeira das viagens de sua obra – a viagem a *Lilliput* – acabou se con-

³¹ WIKIPÉDIA. Gulliver's travels. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Gulliver%27s_Travels>. Acesso em: 04 nov. 2018.

³² WIKIMÉDIA. J.J. Grandville. *Gulliver entdeckt Laputa*. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Laputa_-_Grandville.jpg>. Acesso em: 04 nov. 2018.

solidando como história juvenil, tendo recebido adaptações também para o público infantil, especialmente da primeira viagem. Entretanto, a obra completa, com seu enredo intrigante, pode ser extremamente interessante para jovens ainda hoje.

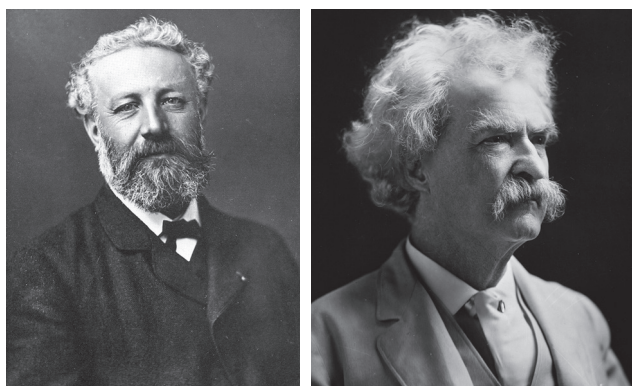
3.5 FICÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX?

As obras do francês *Júlio Verne* (*Jules Gabriel Verne*, 1828-1905) certamente ainda são de interesse do público juvenil. Em 1863, publica sua primeira grande obra: *Cinco semanas em um balão*, que narra uma viagem em um balão de hidrogênio sobre o território africano. As informações dadas por *Verne* na história deram margem a dúvidas, pois muitos julgavam serem apenas fictícias; entretanto, revelaram-se fruto de pesquisas feitas por *Júlio Verne*, e também de sua imaginação fértil (LAATHS, 1967).

Com esta obra, *Júlio Verne* se tornou conhecido, o que lhe garantiu certa estabilidade financeira e lhe permitiu escrever seus outros livros. *Júlio Verne* é autor de uma extensa bibliografia, da qual as mais conhecidas são: *Viagem ao centro da Terra* (1864), *Vinte mil léguas submarinas* (1870) e *A volta ao mundo em oitenta dias* (1872). Seus temas fizeram bastante sucesso na segunda metade do século XIX, pois a vontade de conhecer lugares exóticos era generalizada.

Sua obra tem um tom de ficção científica e, através das aventuras que narra, também revela aspectos culturais de povos e pessoas reais e imaginários. Entendemos aqui ficção científica como *Soriano* (2002, p. 467, tradução nossa): "Pertence à ficção científica toda obra que tem por tema não a realidade tal como ela se nos apresenta, mas aquela que podemos começar a imaginar a partir dos dados mais avançados da ciência."³³

Figura 30 – *Julio Verne e Mark Twain*



Fonte: Wikipédia³⁴; Pixabay³⁵

³³ "Appartiendrait en somme à la S.-F. [science fiction] toute oeuvre qui prendrait pour thème non la réalité telle qu'elle nous apparait, mais celle que nous pouvons commencer à imaginer à partir des données les plus avancées de la science."

³⁴ WIKIPÉDIA. Julio Verne. Disponível em: <<https://bit.ly/2D19jLb>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

³⁵ PIXABAY. Skeeze. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/mark-twain-homem-pessoa-retrato-391112/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

3.6 E O QUE MAIS LIAM OS JOVENS NO SÉCULO XIX?

O século XIX também é palco do nascimento do romance na Inglaterra, espelhando profundas mudanças na sociedade da época. Surge a família burguesa na sociedade europeia, estabelecendo uma nova ordem social e cultural. Nesse contexto há um impulso na produção de prosa de ficção, tanto romances como novelas, e as narrativas vêm ao encontro do gosto da nova elite.

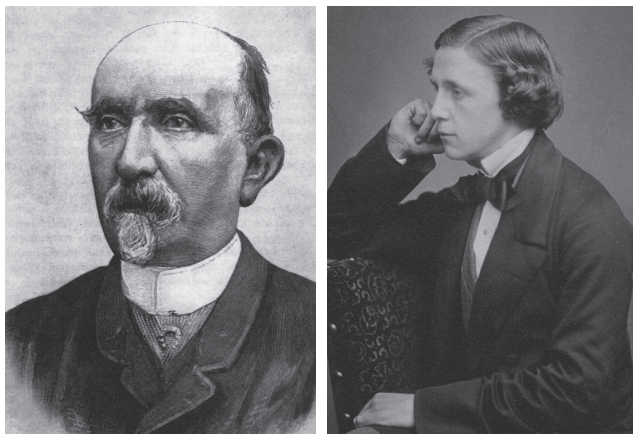
Mark Twain, pseudônimo do escritor norte-americano *Samuel Langhorne Clemens (1835-1910)*, considerado talvez o maior escritor norte-americano de literatura para a faixa etária juvenil, também se coloca entre os recomendados. Entre suas obras, destacam-se *As aventuras de Tom Sawyer*, publicada em 1876, *O príncipe e o mendigo* (1881) e as *Aventuras de Huckleberry Finn*, esta considerada autobiográfica, publicada no Reino Unido em dezembro de 1884 e, nos Estados Unidos, em fevereiro de 1885. Consideramos essas histórias com potencial para agradar aos jovens, pois são de fácil leitura, tendendo para o humor, embora também motivem reflexão. Incluem personagens jovens que se envolvem em aventuras. Pela liberdade com que usa a linguagem e seu estilo peculiar, *Mark Twain* é considerado um precursor.

Do italiano *Carlo Collodi (1826-1890)*, cujo nome era, na verdade, *Carlo Lorenzo Filippo Giovanni Lorenzini* (seu sobrenome artístico é o nome da cidade natal de sua mãe), temos *Le avventure di Pinocchio. Storia di un burattino* (em português, conhecida simplesmente por *Pinóquio*). Publicada em 1881, é considerada uma obra-prima da literatura italiana. Na opinião de *Carvalho (1987, p. 112)*: “Insinua a filosofia do livre arbítrio.” Apesar de ser uma obra bastante maniqueísta, como a maioria das histórias produzidas para crianças e adolescentes no passado, marcando fortemente o lado do bem e o lado do mal, ainda pode agradar aos jovens de hoje. *Carvalho* ainda interpreta a história como tendo fundido o pagão e o bíblico, já que, segundo a autora *Collodi*

inspira-se na mitologia grega para criar seu boneco de pau: *Jápeto* era pai de *Prometeu*, que criou o homem do limo da terra e o animou para a ira de *Júpiter*. *Geppetto* era pai de *Pinóquio*, e criou-o de um pedaço de pau, para castigo de sua audaciosa pretensão. (CARVALHO, 1987, p. 112).

A autora defende sua visão, afirmando que o elemento bíblico tem origem na parábola do filho pródigo, o filho que se arrepende e também volta ao lar, e na de Jonas, que também retorna à vida depois de ser tragado por uma baleia. Tendo por semelhança a desobediência de ambos: *Jonas a Deus e Pinóquio ao seu criador*.

Figura 31 – Carlo Collodi e Lewis Carroll



Fonte: Wikipédia³⁶

Outra obra que merece um lugar entre as que podem ser recomendadas aos jovens é *Alice no País das Maravilhas* (*Alice's Adventures in Wonderland*), publicada em 1865, e também *Alice no País dos Espelhos* (*Alice through the Looking Glass*), de 1871. Ambas foram escritas por Lewis Carroll (1832-1898), pseudônimo literário de Charles Lutwidge Dodgson, pastor anglicano inglês, que também lecionava matemática no *Christ College*, em Oxford. Possivelmente por essa sua atividade, inseriu em ambos os livros vários problemas matemáticos e de lógica, ocultos no texto. O duplo sentido da obra, porém, só se revela se conhecemos um pouco da história inglesa da época. É uma sátira que tem como alvo arbitrariedades e vícios vigentes e o falso moralismo de uma sociedade regida por um absolutismo monárquico da qual era chefe a *Rainha Vitória*, satirizada na obra pela figura da *Rainha de Copas*. Através do *nonsense*, faz um jogo semântico em que coloca magistralmente em xeque a lógica e o sentido cotidiano da palavra. São obras que tratam simbólica e ludicamente de questões sempre atuais de poder e arbitrariedade presentes em qualquer época; leituras que podem, se bem motivadas, entreter os jovens e levá-los a reflexões produtivas (LAATHS, 1967).



Explicativo

Nonsense é uma expressão inglesa que significa sem sentido, contrassenso ou absurdo. Denota algo que não tem nexos. Nas artes, a expressão é usada muitas vezes para denotar um estilo de humor perturbado e sem sentido.

Fonte: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Nonsense>>.

³⁶ WIKIPÉDIA. Carlo Collodi. Disponível em: <<https://bit.ly/2DkeKWL>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
WIKIPÉDIA. Lewis Carroll. Disponível em: <<https://bit.ly/2RAagy1>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Charles John Huffam Dickens, mais conhecido simplesmente como *Charles Dickens* (1812-1870), é um autor que também viveu no período vitoriano, cuja obra-prima é *David Copperfield* (1850). Suas obras, como as de *Andersen*, têm um profundo sentimento em relação ao sofrimento humano e um tom melancólico. Na sua escrita, sempre toma o partido das crianças, focando na maneira rígida e talvez até desumana como eram tratadas. Além disso, sua narrativa envolve personagens do povo, ao lado do qual ele também se posiciona, retratando miséria e injustiças. Faz uso da caricatura para estruturar seus personagens, provavelmente para aumentar o impacto de seus papéis (LAATHS, 1967).

Figura 32 – Charles Dickens e Robert Louis Stevenson



Fonte: Wikipédia³⁷

Mais para o final do século XIX, temos a publicação da *Ilha do Tesouro* (*Treasure Island*), do autor britânico *Robert Louis Stevenson* (1850-1894). Foi primeiro publicada como um seriado em uma revista infantil. Posteriormente foi publicada como livro em 1882 e trouxe fama a seu autor. A história trata do envolvimento de um menino com piratas. Na sua singular história *O estranho caso do dr. Jekyll e mr. Hyde* (*The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, 1886), *Stevenson* aborda diretamente a natureza do mal no ser humano e os efeitos maléficos que ocorrem quando ele tenta negá-los.

Outros tipos de romances de aventura se seguem. Representantes da aventura ideológica, como *Herman Melville*, com seu *Moby Dick* (1851), a baleia branca, quase que um símbolo do mal, que desafia o homem em uma trajetória semelhante à *Odisseia* de *Homero*.

A aventura histórica também se faz presente nesse período e tem em *Alexandre Dumas* um importante exemplo, com o seu livro *Os três mosqueteiros* (1844). Os inseparáveis *Athos*, *Aramis* e *Porthos*, junto com *D'Artagnan*, que se torna o quarto mosqueteiro, enfrentam grandes aventuras a serviço do rei da França, *Luís XIII*, e principalmente, da rainha, *Ana da Áustria*. Seu pacto de lealdade e da amizade – “Um por todos! Todos por um!” – é um pacto que invoca a força da união para vencer obstáculos.

³⁷ WIKIPÉDIA. Charles Dickens. Disponível em: <<https://bit.ly/2Qjt6JA>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
WIKIPÉDIA. Robert Louis Stevenson. Disponível em: <<https://bit.ly/2Oot6X5>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

A aventura policial surge no final do século XIX, com *Conan Doyle*, criador do protótipo do detetive, na figura de *Sherlock Holmes*. A aventura policial, na verdade, também estabelece em princípio uma visão maniqueísta dos homens, dividindo-os em dois lados: o do bem – no qual estão os que representam a lei, a justiça e o direito – e o do mal – no qual estão os desviados morais e sociais (LAATHS, 1967). Deixou seguidores, como *Maurice Leblanc*, *Gaston Leroux* e outra figura emblemática na aventura de gênero suspense: a britânica *Agatha Christie*, que recebeu o epíteto de Rainha ou Dama do Crime.

Maurice Leblanc criou a figura de *Arsène Lupin*, um misto de cavalheiro e assaltante que apareceu pela primeira vez numa publicação mensal chamada *Je Sais Tout (Eu Sei Tudo)* entre 1905 e 1907, com o título *Arsène Lupin*. Depois disso, o autor se dedicou quase exclusivamente às aventuras do seu herói, em várias novelas e recompilações de histórias.

Agatha Christie, criadora da figura de *Hercule Poirot*, escreveu dezenas de obras, entre as quais predominantemente romances, novelas, mas também peças de teatro. Sua obra de estreia, em 1920, foi *The Mysterious Affair at Styles*, publicada em português como *O misterioso caso de Styles*, mas também com o título de *Primeira investigação de Poirot*.

Essas obras que acabamos de descrever se dirigem a um público que já domina a leitura de maneira fluente e crítica, digamos, a partir dos 10 anos.

3.7 E CÁ, ENTRE NÓS...

Como afirmamos no início, o conceito de literatura juvenil, por muito tempo esteve associado ao de literatura infantil, constituindo o termo composto literatura infanto-juvenil na mera suposição de que formasse um todo, que se opunha à literatura geral, destinada a adultos. E também porque vários autores que escrevem para adultos também escrevem para o outro público. Assim, também no Brasil, entre as obras rotuladas como literatura infanto-juvenil, muitas se destinam a crianças e outras especificamente a pré-adolescentes, ou mesmo a adolescentes, que estamos considerando a parte destinada ao público juvenil.

Autores dos anos 1930, como *Graciliano Ramos*, *Malba Tahan*, *Orígenes Lessa* e *Viriato Correa*, produziram obras que podem perfeitamente agradar aos jovens. *A terra dos meninos pelados* (1939), *Histórias de Alexandre* (1944), *Alexandre e outros heróis* (1962) e *Minsk* (2013), de *Graciliano Ramos* são obras que sintonizam com o público juvenil. Em 1939, ano de sua publicação, *A terra dos meninos pelados* recebeu o Prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação. Em *Histórias de Alexandre*, obra também considerada juvenil, *Graciliano* denuncia a miséria e evidencia o mesmo desencanto com a política e a justiça, preocupações presentes em outros textos seus de literatura adulta. *Histórias de Alexandre* foi lançado entre suas obras *Vidas secas* e *Infância*, que fizeram grande sucesso e, por isso, não recebeu a devida atenção da crítica, apesar de ser um grande livro.





Multimídia

Se você se interessa por outras obras de *Graciliano Ramos*, poderá ter informações sobre elas ou suas edições no site: <<http://graciliano.com.br/site/>>.

Malba Tahan é o pseudônimo de *Júlio César de Melo e Sousa*. De sua autoria, a obra mais conhecida é *O homem que calculava*, tendo também traduzido e compilado vários contos e lendas orientais. No primeiro livro escrito como *Malba Tahan*, *Contos de Malba Tahan*, ele é representado como um árabe. Por isso, durante muitos anos, o público acreditou que *Malba Tahan* fosse esse árabe de longas barbas brancas que usava turbante.

Entre as quase 1940 obras nesta categoria escritas por *Orígenes Lessa*, as mais conhecidas são *O feijão e o sonho* (1938), *Memórias de um cabo de vassoura* (1971), *Memórias de um fusca* (1972), entre vários outros.

Nos anos 1940, a *Editora Nacional* lança a *Coleção Terramarear Juvenil*, de aventuras, na qual inclui a série *Tarzan*, de *Edgar Rice Burroughs*, que aparece pela primeira vez em português. Inclui também *O livro da selva*, de *Rudyard Kipling*, constituído de sete contos. Desses, os três primeiros relatam a história de *Mogli*, um menino indiano criado por lobos que se revelam pedagogos mais perfeitos que o homem, confirmando a máxima de *Rousseau* de que a natureza é perfeita e talvez melhor do que a sociedade dos homens. O livro foi traduzido pelo escritor *Monteiro Lobato* e publicado pela primeira vez no Brasil em 1933, com o título *O livro da jãngal* (COELHO, 2006).

Havia ainda a *Coleção Paratodos*; a *Série Negra*, constituída de livros policiais, possivelmente preferência dos meninos, e a *Biblioteca das Moças*, que visava, sobretudo, ao público juvenil feminino. As coleções *Terramarear* e *Biblioteca das Moças* seriam reeditadas em setembro de 1983.

Também pertencentes à década de 1940, são alguns dos nomes que começam a escrever literatura considerada a juvenil. São elas: *Edy Lima*, *Lucia Machado de Almeida*, *Maria Lúcia Amaral* e *Odette de Barros Mott*.

Edy Lima (*Edy Maria Dutra da Costa Lima*), autora riograndense, nascida em Bagé/RS, em 1924, publica, em 1972, *A vaca voadora*, já considerado um clássico. O sucesso da obra dá origem a uma série de mesmo nome, composta por sete livros, em que o *nonsense* é o ingrediente fundamental e mais atraente. A autora escreveu perto de cinquenta livros, entre os quais vários inspirados no folclore brasileiro.

Lucia Machado de Almeida, que faz sua estreia com as *Viagens maravilhosas de Marco Polo*, em 1948, torna-se mais conhecida e profícua a partir da década de 1950, escrevendo até 1990. Com as *Aventuras de Xisto*, publicado em 1957, inicia uma série de aventuras com este mesmo herói, figura que retoma o arquétipo do cavaleiro andante: *Xisto no espaço* (1967), *Xisto e o saca-rolha* (1974), *Xisto e o pássaro cósmico* (1983). Além das aventuras deste personagem, também escreveu várias outras obras de cunho fantástico e detetivesco, como *A vida é fantástica*, *O falcão de penas douradas*, entre outras.

Em 1945, *Maria Lúcia Amaral* inicia sua carreira na literatura infantil, com o *Caranguejo bola*. Começa, na década de 1970, uma nova fase, lançando histórias destinadas ao público juvenil, entre as quais: *Marcianos no Rio*, em que os protagonistas são dois marcianos que chegam a uma praia do Rio de Janeiro a bordo de um disco voador; *Zé Ventania*, o menino que nasceu no meio de um vendaval e sai pelo espaço à procura de seu boné, levado por uma rajada de vento. E na década de 1980, entre as várias obras, paródias de contos maravilhosos tradicionais, narrativas populares que publicou, há *O homem que botou um ovo*, adaptação de um conto popular em que o homem, para testar a capacidade de guardar segredo de sua mulher, sabida fofoqueira, contou a ela que tinha botado um ovo. Você acha que essa história termina bem?

Uma das escritoras mais fecundas que começa escrevendo para crianças, mas na década de 1960 inicia sua trajetória também na literatura para pré-adolescentes e adolescentes é *Odette de Barros Mott*, que até 1990 escreve 36 obras. Sua vasta obra se apoia basicamente sobre quatro eixos: o mundo rural, no qual apresenta o ser humano em contato com a natureza ou com o primitivo; o mundo urbano, em que questiona alguns temas considerados tabus na literatura direcionada aos jovens, como drogas, homossexualismo, racismo, conflitos sociais; o mundo da aventura, no qual explora os mistérios e as tramas policiais, e o mundo da História, em que aborda episódios históricos brasileiros, como a epopeia dos primeiros colonizadores, em *A caminho do sul* (1975), até questões antissemitas na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, em *A travessia* (1986).

Na poesia, temos *Mario Quintana* (1906-1994), poeta gaúcho que, embora tenha uma obra predominantemente voltada ao público adulto, contribui para o público infantil principalmente com duas obras: *O batalhão das letras*, escrito em 1948, e *Pé de pilão*, em 1975; já *Lili inventa o mundo* e *Nariz de vidro*, escritas em 1983 e 1984, respectivamente, podem ser considerados adequados ao público juvenil.

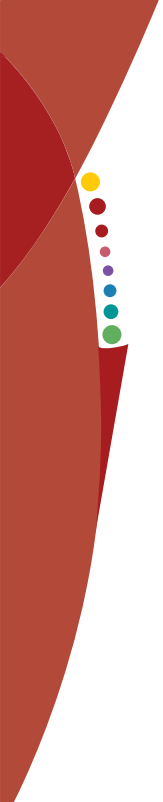
Alguns dos autores que começam a escrever literatura infantil na década de 1950, redescobrimo a fantasia, são *Isa Silveira Leal*, *Maria Heloisa Penteado*, *Maria José Dupré* e *Therezinha Casasanta*.

Com o romance juvenil *Glorinha*, de 1958, que se tornou um verdadeiro *best-seller* entre as adolescentes da época e acabou dando origem a vários outros, que compõem uma série de "Glorinhas", *Isa Silveira Leal* se consagra como escritora. O livro é de um realismo cotidiano e defende valores humanitários tradicionais (COELHO, 2006).

Maria Heloisa Penteado, embora também tenha se dedicado à literatura infantil, escreve basicamente para jovens. Para estes escreve mais de 20 livros, entre 1970 e 1990, dentre os quais destacamos *A bruxa madrinha* (1990), que já chama atenção pelo título inusitado, uma vez que as madrinhas são geralmente fadas. A história reúne uma bruxa que se descobre velha demais para fazer bruxarias e uma menina que acaba descobrindo a importância de aprender.

São inúmeros os autores que começam a se dedicar à literatura infantil e também à juvenil a partir da década de 1970. Entre eles podemos destacar: *Lygia Bojunga Nunes*, *Ana Maria Machado*, *Bartolomeu Queirós*, *Eliane Ganem*, *Eliás José*. *Fernanda Lopes de Almeida*, embora escreva prioritariamente para crianças, inova quando retoma a figura da fada, de uma maneira renovada em sua obra para pré-adolescentes *A fada que tinha ideias* (1976), que citamos anteriormente, e que começa assim:





Clara Luz era uma fada, de seus dez anos de idade, mais ou menos, que morava lá no céu, com a senhora fada sua mãe. Viveriam muito bem se não fosse uma coisa: *Clara Luz* não queria aprender a fazer mágicas pelo *Livro das Fadas*. Queria inventar suas próprias mágicas. (ALMEIDA, 1976, p.7).

Aí começa uma série de peripécias em que *Clara Luz* convence as outras fadas-meninas a inverter a ordem estabelecida das coisas e... tem sucesso! Ao final, é nomeada conselheira-chefe do palácio (pasmem!) pela própria rainha das fadas.

Outros nomes importantes de serem mencionados ainda são *Ganymédes José*, *Giselda Laporta Nicoletis*, *Joel Rufino dos Santos*, *Lucia Pimentel Góes*, *Ruth Rocha*, *Sergio Capparelli*, *Stella Carr*, *Teresa Noronha*, *Vivina de Assis Viana*, *Wander Piroli*, *Ziraldo*, *Ângela Lago*, *Carlos Urbim*, *Eva Furnari* e *Fanny Abramovich*.

Lygia Bojunga Nunes é um nome importante na renovação que acontece na década de 1970. Foi a única autora brasileira a receber o *Prêmio Internacional Hans Christian Andersen*, em 1983, pelo conjunto de sua obra, principalmente voltada à clientela juvenil. Sua primeira obra, publicada em 1972, foi *Os colegas*, história em que três cachorros, um urso e um coelho se encontram, após fugirem de seus locais de origem. Juntos vivem aventuras e enfrentam problemas, desde a busca por alimento e abrigo até seus anseios de liberdade e de realização de seus sonhos. Além dessa primeira obra, *Lygia* escreveu mais oito títulos de literatura para jovens, entre os quais se destacam *A bolsa amarela* e *A casa da madrinha*. Seus livros enfocam problemas humanos específicos, que emergem das relações interpessoais, sempre de forma lúdica e crítica.

Pedro Bandeira estreou em 1983 com *O dinossauro que fazia au-au*, mas seu grande sucesso foi *A droga da obediência*, que combina mistério e suspense, lançado um ano depois. Nessa obra, lança a questão da liberdade individual versus justiça social.

Eva Furnari, que começa desenhando histórias para pré-leitores na década de 1980, produz também várias obras excelentes para o público jovem, entre elas *A bruxa Zelda e os 80 docinhos* (1994), *O feitiço do sapo* (1995) e *Mundrackz* (1996).

Ana Maria Machado, já mencionada na literatura infantil, dona de um enorme fôlego literário, escreveu mais de 50 obras, principalmente entre as décadas de 1970 e 1980. Ainda segue escrevendo, apesar de em menor quantidade. Basicamente, seus textos se direcionam a leitores de competência de leitura média. São obras de qualidade inquestionável e destacamos apenas algumas para exemplificar: *História meio ao contrário*, *De olho nas penas* e *Bisa Bia, bisa Bel*.

Stella Carr começa sua produção literária, no final da década de 1960, com o livro de poemas *Caderno de capazul*, em que se propõe a quebrar convenções já estereotipadas; entretanto, acaba alcançando fama maior, principalmente com suas obras de cunho policial na *Série Policial*, que inclui sete histórias desse gênero.

Já no final do século XX, estando alguns ainda ativos nessas duas primeiras décadas do século XXI, podemos mencionar, entre os principais autores que se dedicam ao público dessa faixa etária: *Flavia Muniz*, o poeta *José Paulo Paes*, *Leo Cunha*, *Liliana Iacocca*, *Luiz Galdino*, *Marina Colasanti*, *Mirna Pinsky*, *Pedro Bandeira*, *Ricardo Azevedo*, *Roseana Murray*, também poeta, *Sylvia Orthoff* e *Tatiana Belinky*.

Sérgio Capparelli é autor de prosa e verso, de maneira geral mais voltado à categoria juvenil. Em 1979, lança *Os meninos da rua da praia*, no qual os personagens são três meninos jornalheiros que adotam uma tartaruginha que encontram e se esforçam para que nada lhe falte. Num relato por vezes emocionante, somos confrontados com problemas de miséria e de injustiça social. Como poeta, seu livro *Poesia visual*, escrito em parceria com Ana Claudia Gruszynski, reúne 28 poemas em que rompe com a estrutura tradicional da poesia e busca uma função diferente da palavra, unindo recursos visuais e gráficos.

Jane Tutikian publica novelas mais introspectivas, como *A cor do azul*, publicada em 1984, em que narra as emoções e sensações vividas por uma menina quase adolescente com a chegada de um circo à sua rua. Além desta obra, a autora ainda publicou outras direcionadas ao público desta faixa etária, como *Um time muito Especial* (1993), *Alê, Marcelo, Ju & eu* (2000), *Aconteceu também comigo* (2002), *Olhos azuis coração vermelho* (2005), *Fica ficando* (2007), *Coisa viva* (2011).

O também poeta José Paulo Paes publica sua primeira obra em 1984, com o título *É isso ali*, com o subtítulo: *poemas adulto-infanto-juvenil*, o que revela algo sobre a sua natureza. São poemas simples que podem ser fruídos até por crianças, pela sua beleza poética e originalidade, podendo igualmente ser degustados com prazer por jovens e adultos. Além dessa obra inicial, o poeta ainda publicou outras duas obras: *Olha o bicho!* e *Poemas para brincar*, que são mais adequadas ao público juvenil.

Ao lado dessas obras de autores brasileiros, há simultaneamente traduções de excelentes obras estrangeiras para esse público, para o qual é muitas vezes difícil encontrar literatura de boa qualidade e leituras de interesse.



3.7.1 Atividade

Nesta unidade, aprendemos a diferenciar literatura infantil e literatura juvenil, bem como lemos sobre diferentes estilos textuais que podem provocar o jovem leitor. A partir destas informações, indique pelo menos dois livros que, em sua opinião, representem estilos de leitura bastante diferentes entre si e que integrariam sua lista de favoritos da literatura juvenil. Justifique suas escolhas a partir dos aspectos discutidos na Unidade 3. Assim como sugerimos das outras vezes, se tiver oportunidade, compartilhe suas reflexões em um ambiente de aprendizagem virtual, colaborativo.



RESUMO

O livro juvenil destina-se a um público de idades entre 9 e aproximadamente 12 ou 13 anos e demanda uma maior autonomia de leitura. Apresenta um predomínio de textos mais longos e poucas ilustrações, quando as há. Também fica mais marcado o tipo de gênero no que tange ao conteúdo. É importante que essa literatura motive seu interesse ou estimule sua curiosidade. As primeiras histórias de aventura do século XVIII, como *As viagens de Gulliver* e *Robinson Crusóé*, abordam viagens, especialmente a lugares exóticos. No século XIX, destaca-se a interessante ficção científica de Julio Verne. No mesmo período, romances e novelas, não só de aventura, de viagens, mas também do tipo histórico e policial, começam a ser produzidos por vários autores em vários países. No Brasil, a partir dos anos 1930, diversos autores começam a escrever para essa faixa etária. Nos anos 1940, a *Editora Nacional* lança a *Coleção Terramarear Juvenil*, de aventuras, lançando vários títulos que aparecem pela primeira vez em português. É lançada a *Coleção Paratodos*; a *Série Negra*, de livros policiais, e a *Biblioteca das Moças*.